

A PERSONAGEM COMO PROJEÇÃO DO AUTOR IMPLÍCITO: O CASO DE MACHADO DE ASSIS

Data de aceite: 02/08/2023

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

FCLAr/UNESP

Araraquara – SP

<http://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

RESUMO: A personagem-projeção do autor implícito pode ser sucintamente definida como uma personagem da narrativa que se constrói por meio da ideologia, ponto de vista histórico e sociopolítico do autor empírico. Assim, esta personagem enquanto projeção do autor implícito permite que a perspectiva do autor empírico se torne diegética. O *corpus* de nosso estudo é constituído pelo conto “A cartomante”. Objetivamos, assim, demonstrar como a personagem em pauta – Vilela – é marcada pelo papel de autor implícito, tornando a perspectiva literal e/ou subversiva, simbólica, parodística e/ou irônica do autor empírico em elementos diegéticos e não mais extradiegéticos. Nosso embasamento teórico é composto por “Os sujeitos que falam: escritor, autor, autor-implícito, narrador”, de Maria Célia Leonel em *Guimarães Rosa: Magma* e gênese da obra, e o conceito de autor implícito de Wayne C. Booth em *Retórica da ficção*.

PALAVRAS-CHAVE: Personagem. Autor implícito. Machado de Assis.

THE CHARACTER AS A IMPLIED'S AUTHOR PROJECTION: THE CASE OF MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: The character-projection of the implied author can be succinctly defined as a character in the narrative that is constructed through the ideology, historical and sociopolitical point of view of the empirical author. Thus, this character as a projection of the implied author allows the perspective of the empirical author to become diegetic. The corpus of our study consists of a short story by the Brazilian realist writer Machado de Assis, “A cartomante”. We aim, therefore, to demonstrate how the character in question – Vilela – is marked by the role of implicit author, making the literal and/or subversive, symbolic, parodistic and/or ironic perspective of the empirical author in diegetic and no longer extradiegetic elements. Our theoretical basis is composed of “Os sujeitos que falam: escritor, autor, autor-implícito, narrador”, by Maria Célia Leonel in *Guimarães Rosa: Magma* e gênese da obra, and Wayne C. Booth's concept of implied author in *Retórica da*

ficção.

KEYWORDS: Character. Implied author. Machado de Assis.

1 | INTRODUÇÃO

A personagem, categoria narrativa muito importante para o desenvolvimento do discurso de uma obra literária, pode se tornar uma projeção do autor implícito. O papel desta instância é absorver a perspectiva do autor empírico e empregá-la no narrador. Contudo, aqui sugerimos que os elementos do autor empírico absorvidos pelo autor implícito, aspectos, até então, extradiegéticos, podem ser projetados em uma personagem, tornando essas facetas empíricas em elementos diegéticos. Na conduta e no discurso desta personagem, portanto, revela-se a perspectiva do autor empírico. Tal projeção pode ser evidenciada, no discurso narrativo, de forma literal ou subversiva.

Já o *corpus* de nosso estudo é constituído pelo conto “A cartomante” (1994) de autoria do escritor realista brasileiro Machado de Assis e publicado em 1884. O conto apresenta o romance adúltero entre Camilo e Rita, que é casada com Vilela. O casal visita, em tempos diferentes e individualmente, a cartomante quando se deparam com o medo de serem descobertos. Apesar de ela afirmar que tudo ficará bem para os dois, o conto é finalizado com o assassinato de Camilo e Rita realizado por Vilela que, ao que tudo indica, descobriu a dupla traição – do amigo e da esposa – do casal adúltero.

Objetivamos, assim, apresentar a projeção do autor implícito na personagem Vilela, do conto “A cartomante”. Esse processo se desenvolve por meio do discurso e atitudes desta personagem: Vilela assassina a esposa e o amante dela, que também era seu amigo de infância. As palavras e atos da personagem revelam indícios do autor empírico, ou seja, de Machado de Assis. Contudo, os indícios são subvertidos: com o assassinato do casal adúltero, Vilela denuncia, no conto, a perspectiva moralista, patriarcal e machista da sociedade em que Machado vivia, mas isso não se dá como uma cumplicidade deste autor relativa a esta sociedade, mas sim, uma denúncia social do pensamento comum de sua época. Assim, procuramos demonstrar como essa personagem evidencia uma denúncia social machadiana por meio de atitudes que reforçam o que está sendo denunciado, ou seja, por meio da subversão do pensamento crítico do autor empírico.

A nossa baliza teórica para a investigação é concentrada no texto “Os sujeitos que falam: escritor, autor, autor-implícito, narrador”, de Maria Célia de Moraes Leonel em *Guimarães Rosa: Magma* e gênese da obra (2000), e o conceito de autor implícito de Wayne C. Booth em *Retórica da ficção* (2022), cujo original *The rhetoric of fiction* foi publicado primeiramente em 1961 nos Estados Unidos.

21 O AUTOR IMPLÍCITO

A seção de Leonel intitulada “Os sujeitos que falam: escritor, autor, autor-implícito, narrador” nos introduz o conceito em pauta quando a autora afirma: “Para Wayne Booth, o autor implícito é responsável pelos movimentos do narrador, pelos acontecimentos que ele narra, pelas personagens, pelo tempo e pelo espaço dos fatos narrados. Há, portanto, uma instância ‘atrás’ do narrador.” (LEONEL, 2000, p. 68). Desse modo, o autor implícito funciona como manipulador da marionete que o narrador figura. Ainda, Leonel (2000, p. 71) afirma:

O autor implícito é um ponto de encontro de elementos ideológicos, incluindo-se aqueles do autor. Tem responsabilidade, portanto, na ideologia que permeia a narrativa, nos valores nela implicados. Dá voz ao narrador e, ao mesmo tempo, expressa-se por meio dele ou interrompe o seu discurso para nele introduzir-se sem mediações. Como instância coextensiva da obra é, para o leitor, mais verdadeiro do que o autor empírico, ou seja, o escritor.

Assim, nota-se o aspecto de esponja do autor implícito, uma vez que ele suga aspectos do autor empírico, como sua ideologia, e os dissemina no discurso do narrador que, por sua vez, apresenta as personagens da narrativa.

Voltamo-nos, então, à obra de Booth intitulada *Retórica da ficção* para uma compreensão mais profunda do conceito de autor implícito. Desse modo, nossa leitura terá enfoque na segunda parte da obra em pauta, cujo título é “A voz do autor na ficção” (BOOTH, 2022, p. 175-270). Já pelo título da segunda parte supracitado, podemos inferir que, de fato, é a seção desta produção de Booth que nos interessa neste estudo: a introdução da voz do autor na matéria diegética do texto literário.

Cabe destacar que a segunda parte referida engloba os capítulos sete, oito e nove dessa produção. Os títulos desses capítulos são, respectivamente: “Os usos do comentário confiável” (BOOTH, 2022, p. 177), “Contar como mostrar: narradores dramatizados, confiáveis e não confiáveis” (BOOTH, 2022, p. 217) e “Controle de distância em ‘Emma’ de Jane Austen” (BOOTH, 2022, p. 247).

No capítulo sete, sobre a ocorrência da voz do autor na matéria diegética, Booth (2022, p. 182, grifo nosso) afirma:

Mas há, afinal, um risco. Quando o romancista opta por entregar seus fatos e resumos como se viessem da mente de um de seus personagens, ele corre o risco de entregar precisamente “essa liberdade de transcender os limites da cena imediata” – particularmente os limites daquele *personagem que ele escolheu como seu porta-voz*. (...). Por ora, basta dizer que um fato, quando nos é dado pelo autor ou seu porta-voz inequívoco, é uma coisa muito diferente do mesmo “fato” quando nos é dado por um personagem falível da história. Quando um personagem fala de forma realista, dentro do drama, a convenção da confiabilidade absoluta é destruída e, embora alguns ganhos para alguns propósitos ficcionais sejam inegáveis, os custos também são inegáveis.

Assim, está claro que o personagem porta-voz mencionado por Booth no trecho

supracitado é aquele que chamamos de personagem-projeção do autor implícito. Afirmamos isso devido à função semelhante de ambos na narrativa: introjetar nela o discurso (contaminado pela ideologia) do autor empírico, fato extradiegético, dentro da narrativa, ou seja, na matéria diegética.

Sobre a ironia dramática (diegética), Booth (2022, p. 183) afirma: “Não pode haver ironia dramática, por definição, a menos que o autor e o público possam de alguma forma compartilhar conhecimentos que os personagens não possuem.” Esse compartilhamento de informação entre leitor e autor se dá, no discurso narrativo, por meio da atuação do autor implícito que, quando projetado na personagem, passa ao leitor conhecimentos do autor empírico por meio da diegese.

Já no capítulo oito, Booth (2022, p. 221) refere-se diretamente ao autor implícito: “Nenhuma quantidade de citação, nenhuma quantidade de resumo do enredo pode mostrar quão completamente o personagem do autor implícito domina nossas reações ao todo.” Nesse sentido, o trecho aqui transcrito nos é apresentado após longas reflexões relativas, majoritariamente, ao papel do comentário autoral na ficção, de modo que a instância do autor implícito surge para suprir a função dos comentários autorais, uma vez que projeta, na narrativa, a ideologia do autor empírico.

Por fim, no capítulo nove, Booth (2022, p. 267) refere-se ao autor implícito como “autor dramatizado”, ou seja, um processo de introjeção do autor empírico na matéria narrativa. Nesse sentido, encerramos esta seção de nosso estudo reiterando nossa concordância com a interpretação de Leonel (2000, p. 67-75) acerca do autor implícito de Booth.

3 | A PERSONAGEM-PROJEÇÃO: INDÍCIOS DA VISÃO DE MUNDO DO AUTOR EMPÍRICO INSERIDOS NA DIEGESE

Começando pela noção de personagem, utilizamos a definição dessa categoria narrativa escrita por Rute Miguel (2009) no *E-dicionário de termos literários*, de Carlos Ceia. Assim, destacamos a seguinte afirmação de Miguel (2009):

A personagem assume assim uma condição universal que em nada reduz as suas capacidades enquanto ser necessário para o desenvolvimento de um enredo. Assim, o observador – leitor – contempla e ao mesmo tempo vive esse mesmo enredo, as mesmas vivências da personagem como se de um ser real se tratasse, desfrutando ao mesmo tempo de todo o prazer estético que nela se encerra.

Desse modo, o leitor, ao viver o enredo vivido pela personagem – afirmação consoante à nossa perspectiva do que é a literatura (transcendência) –, adentra o universo ficcional e se envolve na trama que nele se desenrola. Assim, quando uma personagem é uma projeção do autor implícito, cabe ao leitor ter a bagagem sociocultural e o distanciamento crítico para compreender as possíveis subversões dessa projeção. No caso de Vilela e José Dias, cabe a nós, leitores, a compreensão de que as palavras e atitudes desses

personagens são levadas ao extremo, ao caricato, justamente para provocar a consciência crítica do leitor. Logo, quando este último é capaz de questionar, compreende não só a subversão, como também a crítica machadiana à sociedade que o cercava, não tão distante daquela em que vivemos hodiernamente.

Assim, a personagem-projeção do autor implícito é construída na diegese tanto pelo narrador quanto pelas interrupções do discurso dessa instância realizadas pelo autor implícito sem aviso prévio ou destaque. Logo, esse tipo de personagem existe na narrativa com a função de tornar diegético o que era, até então, extradiegético, uma vez que ela carrega em seu caráter, discurso e atitude a ideologia do autor empírico, devido à projeção do autor implícito que ela realiza na narrativa.

Quando a ideologia do autor empírico passa de extradiegética – parte da realidade empírica – para a instância diegética, ou seja, para dentro da narrativa, dá-se a oportunidade ao leitor de, por meio da ficção, apreender, no discurso subversivo da personagem-projeção, a ideologia do autor empírico, ou seja, o que pensa e defende o escritor.

Falamos em discurso subversivo porque a personagem-projeção apresenta, de forma extrema, ideias consoantes às amarras sociais. Nesse sentido, devido à forma quase caricata de reproduzir os preceitos sociais, percebe-se uma tentativa de subvertê-los por meio da abordagem hiperbólica e, muitas vezes, irônica dessa personagem. Logo, o exagero chama a atenção do leitor que, quando adquire distanciamento crítico, nota que a personagem-projeção denuncia os preceitos que dissemina na diegese, levando o leitor a compreender que seu discurso é uma inversão daquilo que o autor empírico acredita, ou seja, de sua ideologia. A personagem-projeção é porta-voz do autor empírico, processo realizado por meio da construção do autor implícito e pela reafirmação dos dogmas sociais a fim de propor a subversão deles, a qual o leitor apreende na matéria diegética.

Ainda, cabe pontuar quão interessante é averiguar o aspecto político-ideológico Machadiano, já que o escritor já fora, por muito tempo, acusado pela crítica literária de não tecer críticas ideológicas e políticas à sociedade em que viveu, apesar de ter ascendência africana, como afirma Fantini (2006, p. 71):

Embora, por razões quase sempre étnicas, certa tradição crítica acusar Machado de Assis de abster-se em assumir posicionamentos relativos à política, à ética, à etnia negra, à escravidão ou à afro-descendência, não é difícil argumentar o oposto, tendo em vista os posicionamentos de Machado em muitas de suas obras (...).

Tal posicionamento mencionado no trecho é expresso, na narrativa machadiana que compõe nosso *corpus*, por meio da personagem-projeção do autor implícito. Por fim, averiguemos como essa personagem-projeção se desenrola em “A cartomante”.

4 | O CASO DE MACHADO DE ASSIS

Pensando no aspecto esponjoso do autor implícito citado anteriormente, sendo esta instância responsável pela apreensão da ideologia do autor empírico, tal ideologia contamina o discurso do narrador que, por sua vez, apresenta e constrói as personagens – o que acontece com Vilela na narrativa machadiana que figura nosso *corpus*: “A cartomante”.

Como tratamos de uma personagem-projeção do autor implícito, cabe ressaltar o tipo de narrador que conduz a diegese do conto. Logo, temos um narrador heterodiegético onisciente, ou seja, ele sabe o que pensam e sentem as personagens, revelando o que sabe ao leitor ao longo de sua narração.

A personagem que constitui nosso foco, Vilela, é elencada no início do conto, quando Camilo repreende Rita por ter ido na cartomante, alegando periculosidade em Vilela descobrir. Nesse momento, a configuração dessas três personagens ainda não foi revelada. Mais adiante, o leitor tomará conhecimento de que Vilela é marido de Rita e amigo de Camilo, e é traído por ambos em um caso extraconjugal entre Rita e Camilo. Trata-se, assim, de um triângulo amoroso que, até então, Vilela ignora fazer parte. O narrador explica-nos a origem dessa tríade no trecho abaixo:

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor. (MACHADO, 1994, p. 2-3).

Explicada a origem do romance, o narrador afirma que Camilo não entende como surgiu o relacionamento proibido com a esposa do amigo de infância. Afirma, também, que Camilo quis fugir, mas que Rita agiu como uma serpente, cercando-o na relação amorosa

entre ambos.

Podemos observar, nesse ponto, como há uma crítica do narrador à visão da mulher adúltera do século XIX, embora não tenha sofrido tantas modificações: o homem é sempre a vítima enlaçado por uma mulher que incorpora uma medusa.

Relacionando essa perspectiva de denúncia por parte do narrador, entendemos que ela vem do autor implícito que, por sua vez, absorvera tal crítica e denúncia sociais do autor empírico, ou seja, de Machado de Assis. Esta perspectiva faz sentido com a biografia do autor: negro, reconhece a estrutura racista e, partindo disso, também a patriarcal e machista.

Assinalar essa perspectiva é interessante porque a personagem Vilela incorporará a projeção desse autor implícito, o qual rega a narrativa dessa denúncia por meio do reforço extremo do discurso patriarcal (então) vigente. Assim, o leitor perspicaz que esta narrativa exige será capaz de interpretar o esforço quase caricato do discurso do patriarcado como uma crítica a essa esta estrutura social.

O enredo se desenrola: Rita visita a cartomante após Camilo receber uma carta anônima denunciando o caso extraconjugal. A cartomante, por sua vez, lhe afirma que nada acontecerá aos amantes. Conta a Camilo, que a repreende devido ao medo de Vilela descobrir – ou seja, estamos traçando a cronologia (a história, nos termos de Genette) da narrativa, que, no conto, se inicia *in medias res*. Camilo recebe mais algumas cartas anônimas, até que recebe um bilhete de Vilela pedindo que Camilo fosse até a casa do amigo e marido duplamente traído. No caminho, a carroça de Camilo fica parada em frente à casa da cartomante e, devido ao nervosismo, ele decide consultá-la. A cartomante afirma que tudo ficaria bem. Contudo, quando Camilo chega na casa de Vilela, avista Rita morta e é morto por Vilela.

O desfecho do conflito deixa evidente o motivo de propormos ser Vilela a personagem-projeção do autor implícito: por meio da violência brutal (o homicídio), ele reforça o discurso patriarcal. Isso pode ser observado no tratamento de Rita como um objeto do marido que, quando *utilizado* pelo amigo, perde sua validade. Além disso, a morte de Camilo reitera o reforço do discurso patriarcal: não basta aniquilar o objeto (Rita), mas também aquele que o manuseou (Camilo) sem conhecimento de seu proprietário (Vilela).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, foi possível observar o nosso foco neste estudo: compreender como o reforço do discurso patriarcal nas atitudes de Vilela no conto “A cartomante” constroem, na narrativa, por meio do extremismo e aspecto quase caricato do assassino, uma denúncia dessa estrutura patriarcal.

Tal denuncia se desenrola justamente pelo reforço do discurso patriarcal na narrativa, evidenciando uma personagem (Vilela) que, ao agir de forma extrema, demonstra estar

subvertendo o autor implícito que projeta na narrativa. E este autor implícito, funcionando como esponja ideológica do autor empírico (Machado de Assis), projeta a denúncia subvertida para que o leitor crítico e atento que a produção literária machadiana exige consiga apreender a crítica que atravessa este conto machadiano.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. A cartomante. In: _____. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

BOOTH, W. C. **Retórica da ficção**. Trad. Igor Barbosa. Rio de Janeiro: Eleia Editora, 2022.

FANTINI, M. Modernidade e emancipação em Machado de Assis. In: ABDALA JUNIOR, B.; CARA, S. A. (Orgs.). **Moderno de nascença**: figurações críticas do Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1986.

LEONEL, M. C. Os sujeitos que falam: escritor, autor, autor-implícito, narrador. In: _____. **Guimarães Rosa: Magma e gênese da obra**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MIGUEL, R. Personagem. In: CEIA, C. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/personagem>. Acesso em: 03 jul 2023.